

REFORMULAÇÃO DOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO

EM EDUCAÇÃO FÍSICA (*)

Este trabalho tenta contribuir à busca de uma fundamentação teórica para reformular os currículos de formação em Educação Física. Em junho passado, na UNICAMP, por ocasião do "1º Simpósio Nacional sobre reforma curricular em Educação Física", podemos comprovar a preponderância do pensamento curricular restrito à listas de disciplinas, deixando que aos currilistas da nossa área falta-nos uma reflexão mais profunda sobre concepções e fundamentos curriculares. Parece-me todavia que a situação a grava-se pela própria crise em que vive a Educação Física, no momento em que são questionados seus fundamentos teórico-metodológicos e os valores subjacentes às suas tendências e programas de ensino.

Me proponho contribuir a discussão de dois aspectos deste ponto de transição da nossa área, o primeiro é a sua própria identidade e o segundo a identidade do profissional que deve ser formado, considerando que ambos aspectos, entre outros, referem-se a essência do currículo que desejamos construir.

Precisamos responder as perguntas: O que é Educação Física? Por que deve ter um espaço na escola?

* Tema Apresentado na V Conferência Brasileira de Educação, realizado em Brasília em 03 de agosto de 1988.

** Professora da Escola de Educação Física da UFPE.

Micheli Ortega Escobar (**)

Para o sistema educacional brasileiro a Educação Física é uma "atividade que por seus meios, processos e técnicas desperta, desenvolve e aprimora as forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constituindo-se num dos fatores básicos para a conquista das finalidades da Educação Nacional" (Decreto 69.450/71).

A "atividade", como componente curricular é apontada pelo Parecer 853/71, como "fazer prático não significativo de uma reflexão teórica".

Historicamente os exercícios físicos entraram na escola através de uma prática chamada "ginástica" e algumas manifestações esportivas ou "jogos institucionalizados". No Brasil a ginástica sofreu a influência militar, marcadamente com a introdução do método francês na escola. A ênfase na ginástica contribuiu para tornar confuso o conceito de "Educação Física", passando a serem comumente identificadas como sinônimos. O desenvolvimento histórico brasileiro impregnou, ainda, a Educação Física de valores que incidem sobre o "físico", seja no aspecto da saúde ou da superação do próprio rendimento, concretizando na escola uma prática amarrada à ideologia dos dons e aptidões. Ensinam-se jogos, exercícios ginásticos, algumas modalidades

des esportivas e danças folclóricas, objetivando a "educação do movimento", do "gesto", do "motor", num "fazer prático não significativo de uma reflexão teórica".

Para este fazer prático, os professores são preparados pelos cursos de Licenciatura, através de um corpo teórico, onde a uns 60% de disciplinas práticas (onde se aprende o que será ensinado), acrescentam-se conhecimentos fragmentados sobre o homem, quase todos no sentido biológico, fisiológico e biomecânico. Conhecimentos sobre psicologia geral e do desenvolvimento (de uma criança modelo). O conhecimento da sociedade e do fenômeno esportivo também sofre tratamento fracionado em duas disciplinas, Sociologia e Sociologia do Esporte. Finalmente o fenômeno pedagógico, reduzido à técnicas e métodos de ensino é tratado pela disciplina Didática Geral e Estrutura da Educação, tendo em algumas Faculdades, a oportunidade de ser melhor compreendido durante a Prática de ensino; contudo, esta área não abraça mais do que 10% das disciplinas.

Se considerarmos todavia, que os professores transmitem sua própria formação militarista aos graduandos, poderemos entender o mecanicismo da prática da Educação Física nos 1º e 2º graus, reafirmando-a como experiência limitada em si mesma, ou "fazer pelo fazer".

Neste contexto são interessantes duas relações, a primeira é a do currículo atual da Educação Física do 1º grau ter os mesmos conteúdos das disciplinas técnicas do currículo de formação. A segunda manifesta-se no âmbito das questões do esporte. Na realidade, o cunho científico dos cursos

de formação está, em grande parte, determinado pelos problemas ligados à "fisiologia do esforço", vale lembrar que em alguns países da Europa se fala em "Ciência do Esporte", envolvendo principalmente as áreas de Medicina Esportiva e da Sociologia do Esporte, tendo como objeto de estudo o esporte de alto rendimento. Face a este modelo de alto nível, o aluno de graduação é submetido a processos de avaliação que lhe exigem performances esportivas em detrimento de uma maior reflexão crítico-pedagógica. É desta forma que o jovem professor chega à escola exigindo também das crianças a velocidade; a força e a resistência como objetivos principais.

As análises críticas relativas a esta situação da Educação Física no país, têm-se manifestado com crescente impulso a partir dos anos 80, através de numerosos trabalhos, publicados em congressos, revistas e livros, que revelam o engajamento de um grupo consistente de profissionais da área, num movimento de transformação do papel do professor e da Educação Física, para atender às mudanças sociais que a grave situação social brasileira exige.

Na busca de soluções, pode ser identificada uma corrente renovadora que pretende sair da fragmentação do mecanicismo para uma manifesta "totalidade", inspirada nos princípios e técnicas específicas da Psicomotricidade. Entendo que esta nova concepção, cujo princípio pedagógico é "Educação através ou pelo movimento" embora oferecendo uma metodologia menos mecanicista e autoritária, apresenta na realidade, uma diferença mais adjetiva do que substantiva em relação a da "Educação do movimento", vez que além de

uma visão analítica do processo de apreensão, identifica "consciência" com "conhecimento", ou seja, como uma capacidade do cérebro humano que se manifesta sob a influência das coisas que atuam sobre ele, isto é, dos estímulos, ao invés de entendê-la como "o produto de elementos determinados, quer dizer, das relações sociais que estabelecem as pessoas e que somente se realizam mediante o cérebro, órgãos dos sentidos e órgãos de ação dos mesmos; sendo nos processos surgidos por estas relações que têm lugar a substituição dos objetos em forma das suas imagens subjetivas na cabeça do homem, em forma de consciência" (Marx apud Leontiev em "Actividad, Consciência, Personalidad". La Habana, Pueblo Y Educación, 1981).

Revela-se necessário o estudo aprofundado da "atividade humana" por parte dos professores de Educação Física, para termos a certeza que os predicados defendidos tem a visão da totalidade que permite a compreensão da realidade social complexa, impossível de ser atingida a partir de conhecimentos fracionados. É imprescindível, antes da reformulação dos currículos de formação, interpretar criticamente a estrutura conceitual da Educação Física, não necessariamente para uma mudança de nome, senão que de uma definição como disciplina da área da educação.

Nesta direção se apresentam hoje, trabalhos importantíssimos especialmente orientados para a defesa do que seria a "ciência do movimento humano", porém impõe-se a análise cuidadosa das novas teorias, para evitarmos um maior envolvimento ideológico, por demais denso nesta área. Tem pertinência a observação de Leon

tiev a este respeito: "A interrogante que se nos apresenta hoje, em toda sua dimensão, sobre a base do curso objetivo do desenvolvimento dos conhecimentos psicológicos, consiste em determinar se o estudo da atividade prática externa deve ser ou não tarefa da psicologia. A atividade "não tem escrita na frente" a ciência da qual ela é objeto. Ao mesmo tempo a experiência científica demonstra que atribuir à atividade de ser objeto de um certo ramo especial do conhecimento - a "praxiologia" - não tem verdadeira justificação. Como toda realidade empírica dada, a atividade é estudada por distintas ciências: podemos estudar a fisiologia da atividade, mas, com a mesma validade podemos suscitar o seu estudo, por exemplo, na Economia Política ou na Sociologia" ("Actividad, Conciencia, Personalidad", La Habana. Pueblo Y Educación. Leontiev. 1981).

Mas, a preocupação com a atividade externa, que na Educação Física convencionou-se denominar "atividade física" ou "atividade corporal", separando-a da totalidade complexa da qual faz parte, deve estender-se às outras disciplinas do currículo escolar, às chamadas teóricas, que pela sua vez, voltam-se para a "cabeça" ou "intelecto" dos alunos. Para Leontiev "uma das mais importantes circunstâncias que fazem instável a atividade didática em crianças pequenas é o fato de que em grande medida esta atividade de transcorre de forma interna, teórica, de ação, de percepção, quer dizer, de ação que responde a uma finalidade cognoscitiva... A percepção aqui está separada da ação prática, ela mesma constitui uma ação, realizadora da atividade didática da criança. Por ou

tra parte, esta ação regularmente está privada do motivo, que se encontra no próprio conteúdo do percebido, constituindo uma ação e não uma atividade, o qual faz-se suficientemente evidente: seu motivo não somente não coincide com seu objetivo direto senão que entra em complexa relação com ele" ("Actividad, Conciencia, Personalidad", La Habana. Pueblo Y Educación. 1981).

Esta difícil problemática assinala para a escola a tarefa de rever fundamentos didáticos e metodológicos, questionando tanto o "ativismo" da Educação Física quanto o "imobilismo" das outras disciplinas. Na direção de "agente cultural" o professor não pode atuar no sentido de moldar o movimento humano aos ditames da cultura pois isto seria uma ação parcial de "fora" para "dentro". Teria que, ao nosso modo de ver, e isto é um grande desafio, não ser o "educador em movimento" se não o educador que propicia às pessoas o "apoderar-se" dos conteúdos da produção cultural técnica e artística que se expressa corporalmente, porém se aprende numa complexa atividade de ação interna e externa, de emoções, significantes, significados traduzidos em movimentos. Assim o professor teria que conduzir um processo de "dentro" para "fora", sem passar pela manipulação da peculiar expressão corporal de cada um.

O enfoque empírico-analítico dos currículos de formação atuais, de princípios descomprometidos do contexto específico, alheios às características sócio-culturais, aos processos psicológicos dos alunos e ao contexto histórico-social, estão longe de permitir uma abordagem global própria, para superar a concepção fragmentária de homem e dos seus

processos de vida.

A experiência da "interdisciplinaridade", como "proposta de trabalho comum tendo em vista a interação das disciplinas científicas, de seus conceitos, diretrizes, de sua metodologia, de seus procedimentos, de seus dados e da organização do seu ensino" (H. Japiassú, Apud Fazenda, C. 1979), apresenta-se como alternativa. Isto não deve significar a perda da especificidade da nossa disciplina, muito pelo contrário, o professor será o especialista do folclore, da dança, do jogo, da ginástica e do esporte, mas, numa perspectiva que ultrapasse a pura e simples transmissão de técnicas desvinculadas de objetivos político-pedagógicos, avançando para uma Educação Física Escolar, capaz de participar no processo educacional para a emancipação cultural, social, política e econômica dos alunos.

Avaliações do atual currículo de formação evidenciam um processo de ensino-aprendizagem desarticulado sequencialmente e incoerente internamente, pois não solicita que o aluno utilize as informações recebidas ou retidas e proceda a análises, trabalhe com opiniões pessoais e se posicione criticamente. Todavia, como se centra nos mais baixos níveis da intelectualidade, impede o aluno de estabelecer relações entre fatos ou elementos contraditórios, de lidar com situações, detectar problemas e resolvê-los, no que diz respeito a sua área ou na perspectiva da educação e do tipo de sociedade em que vive" (Apolonio A. do C. e Rosália Aragão. Cadernos Cedes nº 8, 1985, S.P. Edit. Cortes). Portanto, o problema mais crítico, precisamente, é ao nível da formação da consciência de "educador", vez que esse processo de formação obstaculiza a percepção

ção da dimensão política do processo escolar. A falta de estímulo à formação do saber crítico impede ao aluno captar a natureza específica da educação, impedindo-lhe compreender as complexas mediações pelas quais se dá sua inserção contraditória na sociedade de capitalista. O saber é constituído apenas sobre o "aparecer" social sem oferecer aos graduandos a possibilidade de recuperar o processo histórico-social que atribui significado a esse "aparecer". É por isto que é difícil para os graduandos desvendar a visão de mundo que se lhes oferece através das práticas dos esportes, jogos e ginástica envolvidos na ideologia do "corpo" ou "corporeidade". A Educação Física com seus rituais e regras, penaliza o corpo colocando-o numa teia de tecnologia e práticas que servem para prendê-lo a ideologias específicas ou a valores úteis a determinados interesses de classes. Talvez seja este o maior desafio para um novo currículo: romper esse conjunto organizado de significados e práticas, tarefa das mais complexas vez que nas I.E.S. estes se constituem em ações e valores vividos que assumem o sentido da realidade.

O desafio é a formação do "Educador", mas isto exige o domínio do conteúdo técnico, científico e pedagógico que traduza o compromisso ético e político com os interesses da maioria da população brasileira" (Definição do

Encontro Nacional de B.H.).

Temos que melhorar a qualidade da Educação Física, com um novo currículo e com "novos profissionais" com competência científica, política e pedagógica que lhes permita, entre outras exigências, a seleção de conteúdos escolares socialmente relevantes. A competência política é necessária ainda para reverter o conceito de "universalização" da Ed. Física e do Esporte, hoje no sentido de possibilitar aos alunos o acesso ao maior número de práticas, para uma nova compreensão na perspectiva do desenvolvimento do conhecimento da própria disponibilidade corporal. Somente este conhecimento de si mesmo ajudará ao aluno a desenvolver condições para abordar o confronto "concreto-abstrato" das práticas esportivas; considerando que com o mito da "inaptidão" esconde-se a realidade da impossibilidade sócio-econômica de alcançar o direito a determinadas habilidades.

Finalmente, a competência político-pedagógica deve permitir ao professor de Educação Física orientar sua ação educativa sob uma "filosofia que tenha como princípios o rendimento, a competição e o confronto, onde a meta única é vencer para proclamar sua superioridade; ou então, desenvolver uma filosofia através da qual as atividades corporais são vividas como lazer, gesto, harmonia, arte e espetáculo" (Santim S. Kinesis. Dez. 84).